

REFLEXOS DA FORMAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

Daniel Pinheiro
Jorge Braun Neto
Organizadores



IMAGINAR o BRASIL EDITORA

Reflexos da Formação em Administração Pública.

DANIEL PINHEIRO
JORGE BRAUN NETO
(organizadores)

REFLEXOS DA FORMAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA



IMAGINAR o BRASIL EDITORA

Copyright © Imaginar o Brasil Editora, 2017

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida em meio físico para fins mercantis, independente da forma, sem autorização prévia.

Capa © Imaginar o Brasil Editora, 2017

Projeto Gráfico © Imaginar o Brasil Editora, 2017

ISBN: 978-85-61392-07-9

Imaginar o Brasil Editora

Florianópolis – Santa Catarina – Brasil

www.imaginarobrasileditora.com

imaginarobrasil@gmail.com

R332 Reflexos da formação em Administração Pública / Daniel Pinheiro;
Jorge Braun Neto (Orgs.). - Florianópolis: Imaginar o Brasil Editora,
2017. 479 p. : il. 15 cm

ISBN: 978-85-61392-07-9

Inclui referências.

1. Administração pública - Brasil. 2. Governança corporativa.
3. Planejamento administrativo. I. Pinheiro, Daniel. II. Braun Neto,
Jorge.

CDD: 350.000981 - 20. ed.

SUMÁRIO

Reflexos da formação em Administração Pública / 8
Daniel Pinheiro / Jorge Braun Neto

Metodologia de avaliação de impacto dos projetos de trabalho social no âmbito habitacional / 9
Caroline Silva / Daniel Pinheiro

Economia solidária e responsabilidade social empresarial na coprodução do bem público: o caso do Instituto Consulado da Mulher / 76
Adilson da Silva / Daniel Pinheiro

Filosofia Elos: uma ferramenta para realização de sonhos em comunidades e organizações / 101
Gabriel Marmentini / Daniel Pinheiro

O município como promotor da governança: o caso da gerência de tecnologia da secretaria municipal de educação de Florianópolis / 148
Natalia Vieira Martins / Daniel Pinheiro

Uma proposta de guia para gestão de gabinete parlamentar a partir do New Public Management, do tipo ideal Weberiano e da noção de homem parentético de Guerreiro Ramos / 192
Nícola Hilário Martins

*O impacto da influência política nas relações
intergovernamentais: o processo de descentralização
administrativa de Santa Catarina / 230*

Débora Rodrigues / Larissa Cataneo Dutra /
Luiza Stein da Silva / Maria Julia Corrêa

*Uma proposta de avaliação do serviço público de saúde
de São José, a partir da percepção do cidadão. / 261*

Maria Julia Corrêa / Janice Mileni Bogo /
Emiliana Debetir

*A construção do planejamento estratégico da
cooperativa de trabalho dos coletadores de material
reciclável da foz do Rio Itajaí - COOPERFOZ / 296*
Schaiane Gauer da Silva / Valério Alécio Turnes

*Governo eletrônico e os requisitos de transparência
governamental: uma análise do portal eletrônico
municipal de Camboriú/SC / 336*

José Francisco Salm Jr. / Mariana Heinz

*Liberdades públicas: o contexto jurídico da imigração
haitiana no Brasil / 376*

Thaís C. Triches Gregolon / Francelise Pantoja Diehl

*A implementação e consolidação de um serviço de saúde
em um município de grande porte de Santa Catarina:
habilidades interpessoais e planejamento no serviço
público / 443*

Paulo Sérgio Cardoso da Silva

Reflexos da formação em Administração Pública

*Daniel Pinheiro
Jorge Braun Neto*

É com grande alegria que publicamos o livro “Reflexos da formação em Administração Pública”, principalmente por nossa atuação junto aos cursos de graduação da área.

A proposta deste livro é trazer o resultado dos trabalhos de conclusão de curso dos egressos dos cursos de graduação na área pública ou correlatos a estes temas.

Acreditamos que a produção dos “trabalhos de conclusão de curso” representa e coroa o processo de formação do administrador público, trazendo uma visão mais ampla e holística sobre a realidade do aprendizado.

Buscamos considerar artigos que apresentem uma variedade de organizações - estatais, privadas e da sociedade civil organizada -, de visões epistemológicas - funcionais, estruturais e críticas -, de áreas do ciclo de políticas públicas - planejamento, formação da agenda, implementação, avaliação -, e que focam diferentes funções administrativas - planejamento, organização, liderança e controle -, ou a administração e a gestão de forma integrada.

Boa leitura!

Filosofia Elos: uma ferramenta para realização de sonhos em comunidades e organizações

*Gabriel Marmentini
Daniel Pinheiro*

Introdução

Tendo em vista que os problemas públicos estão cada vez mais complexos e diversos, há uma imensa dificuldade por parte do governo, representado pela máquina da administração pública, em dar conta de todas as demandas advindas da sociedade. Independente se o problema é capacidade técnica, de gestão ou falta de preocupação com o interesse público, muitas atividades que eram, de certa forma, obrigação do estado, começam a ser absorvidas como foco de atuação de empreendedores e organizações sociais. Pautados no conceito de coprodução - ainda que não diretamente, são esses atores que dão força a um movimento propulsor de consciência social de que o cidadão faz parte da construção contínua de sua cidade. Esperar que um estado provedor seja responsável por tudo enquanto os impostos são pagos não é mais uma verdade absoluta, o cidadão deve se comprometer, da forma que puder, em contribuir para que o bem comum, de fato, exista.

Neste cenário, o presente trabalho busca mostrar a capacidade de uma comunidade - grupo de pessoas com valores compartilhados - em se tornar protagonista de seu próprio desenvolvimento, por meio do empoderamento de cidadãos e formação de capital social.

Cidadania

Ser cidadão é representar um papel social, ter direitos mas também deveres perante a sociedade, sendo a cidadania a externalização do exercício da democracia. Não somente relacionada ao termo jurídico, o conceito de cidadania tem uma história portanto é um papel social (DAMATTA, 1986). Como não é o foco do trabalho desconstruir todo o processo que o conceito de cidadania passou, iremos adotar o conceito de cidadania deliberativa, que é “o envolvimento dos cidadãos nos processos de planejamento e implementação de políticas públicas, notadamente nas situações que facilitam o controle social dos ditos processos” (TENÓRIO, 2012, p.19). De acordo com Tenório (2012) a cidadania deliberativa não lida com privilégios para o primeiro e segundo setor, a prática de tal cidadania pode evitar a divisão da sociedade, incluindo cada vez mais todos os setores para que pensem juntos e trabalhem de forma colaborativa. Além disso, uma cidadania ativa pode proporcionar maior controle social e participação popular. O primeiro refere-se a fiscalização por parte de membros da sociedade ao atos tomados pelo Estado, já, o segundo tem relação com o próprio conceito de cidadania, representando um envolvimento no planejamento e

execução de uma política pública, ou seja, antes do ato tomado (SIRIQUE, 2009 apud Tenório, 2012, p.31). Outro conceito importante é a abordagem de Gohn (1995, apud Geisler, 2006) acerca de dois tipos de cidadania: a individual e a coletiva.

quando a cidadania mantém seu caráter universal, buscando a extensão de direitos e deveres a todas as camadas da população, estamos diante de sua expressão coletiva. Todavia, frente aos limites que as noções de igualdade e liberdade adquirem na concepção liberal burguesa, a noção e a prática da cidadania vêm-se distinguindo em sua contradição característica: referir-se ao universal e voltar-se para o particular. Nesse contexto, em geral é a cidadania individual que se ergue como pretexto para atender ainda mais à necessidade de exploração do capital, constituindo-se como um conceito formal vinculado à ideia de propriedade.

O foco do trabalho pressupõe uma cidadania deliberativa e coletiva, uma vez que o objeto de estudo é o desenvolvimento comunitário por parte dos cidadãos, com interesses coletivos para o bem comum. Estar comprometido com demandas públicas e disposto a planejar e executar mudanças nada mais é do que exercer cidadania.

Comunidade

Na literatura é possível encontrar diversas posições acerca do conceito de comunidade, podendo ser desde um conceito de geográfico a um entendimento por relações sociais estabelecidas por um grupo de pessoas. Para este trabalho adotaremos:

a comunidade pode ser uma cidade incorporada, um bairro ou um setor de uma cidade que atua como subunidade de uma cidade urbana, ou pode ser um grupo populacional que tem vínculos comuns como a comunidade judaica ou a católica. A última chama-se de comunidade funcional, a primeira poderia ser chamada de comunidade geográfica. Também se fala em comunidade num sentido funcional como quando se fala de comunidade de bem-estar. (Carter, 1957 apud Arcosverde, 1985, p.46)

E ainda:

na medida em que permitir o contato e conhecimento entre seus habitantes, na medida em que estes se acharem integrados nos respectivos grupos e sofrerem na sua conduta o controle da opinião (RIOS, 1957 apud Arcosverde, 1985, p.54)

Os conceitos apresentados abrangem um pouco de cada realidade sobre a “comunidade” que se quer abordar neste trabalho. Em síntese, trataremos comunidade como “redes de relações sociais que compreendem sentidos compartilhados e acima de tudo valores compartilhados” (ETZIONI, 1995 apud Schimdt, 2013, p. 49). O espaço geográfico limitado não é um requerimento, uma vez que vivemos em redes e isso não impede que haja laços de afeto e valores compartilhados mesmo a distância, tornando-se também uma comunidade.

Coprodução

Entende-se coprodução do bem público como o proposto por WHITAKER, 1980, ALFORD, 2002,

COOPER e KATHI, 2005, BRUDNEY e ENGLAND, 2003, DENHARDT e DENHARDT, 2003, MARSHALL, 2006, NADIR, SALM e MENEGASSO, 2007; PESTOFF, 2009; DENHARDT, 2012 apud SCHOMMER et. al. (2011, p.40):

estratégia de produção de bens e serviços públicos em redes e parcerias, contando com o engajamento mútuo de governos e cidadãos, individualmente ou em torno de organizações associativas ou econômicas. Por meio da coprodução, os cidadãos são ativamente envolvidos na produção e na entrega dos bens e serviços públicos, tornando-se corresponsáveis pelas políticas públicas.

Em resumo, trata-se de um poder da coletividade, onde a base da relação é a confiança e não o dinheiro. A coprodução pode promover diversas modalidades de participação cidadão e contribuir para aproximar governantes e cidadãos. Percebe-se que a coprodução é um grande elo entre a sociedade e a administração pública, que proporciona um fortalecimento dos laços entre as partes, maior produção do bem público e um fortalecimento do capital social, que será visto a seguir. Porém, faz-se necessária uma abertura por parte do poder público em querer aderir ao modelo de coprodução e dar os primeiros passos no fomento das relações com o cidadão.

Capital Social

Acerca do capital social, pode-se dizer que é um conceito basilar de qualquer ação que vise um desenvolvimento comunitário. Por isso, apresenta- se de

imediato o conceito adotado neste trabalho, de acordo com Franco (2004, p.1):

o conceito capital social não é um conceito econômico (como poderia sugerir o termo “capital”), nem sociológico (como poderia sugerir o termo “social”). É um conceito político, que tem a ver com os padrões de organização e com os modos de regulação praticados por uma sociedade.

Já, para Ramos (2005, p.84), fazendo reflexões a partir de Putnam (1995) o conceito de capital social:

se refere a aspectos da organização social tais como redes, normas e confiança social que facilitam a coordenação e a cooperação para o benefício mutuo [...] em primeiro lugar, redes de engajamento cívico promovem normas fortes de reciprocidade generalizada e encorajam a emergência da confiança social. Tais redes facilitam a coordenação e a comunicação, amplificam as reputações e, desta maneira, colaboram para a resolução dos problemas de ação coletiva.

Para Marcello Baquero (2003, p.94-95):

o capital social corresponde a uma relação social e não no indivíduo sozinho. É construído em coletividades institucionalizadas tais como: universidades, corporações, governos, associações informais de pessoas em que o conhecimento e as visões de mundo formam-se e são transferidas

Como visto, a confiança nas relações é base para o conceito e imprescindível para o fortalecimento deste capital. Quanto maior for a relação, a colaboração e o grau

de confiança entre as pessoas, maior será o capital social. Promover a aproximação entre as pessoas da comunidade para que elas estabeleçam vínculos é o primeiro passo para o fortalecimento do capital social. Não existe fórmula única para fortalecer o capital social em uma comunidade, mas é importante encorajar as parcerias entre indivíduos e instituições (NEUMANN, L. T. V.; NEUMANN, R. A, 2004, p.32).

Empoderamento

O conceito de empoderamento se refere à transferência de responsabilidades de gerentes para seus subordinados, ampliando o poder de decisão e autonomia dos colaboradores. Incluindo no processo decisório pessoas que anteriormente só atuavam no operacional faz com que haja um sentimento de pertencimento e a partir disso o comprometimento com o trabalho e a autogestão do mesmo tendem a se tornar mais fortes. Na 24 apresentação da edição brasileira de um dos livros de Ken Blanchard (1996), o Professor Peter Barth caracteriza o tema da seguinte forma: “Empowerment não é “dar poder às pessoas” mas, antes, liberar as pessoas para que possam fazer uso do poder, dos conhecimentos, das habilidades e da motivação que já tem.” Pensando no tema do presente trabalho, o empoderamento no âmbito comunitário é o foco, seguindo a mesma lógica das organizações, mas agora fazendo uma analogia com o Estado sendo o gerente que está empoderando seus subordinados, que seriam os cidadãos. A ideia é que através disso nos sintamos responsáveis pelos problemas públicos e que em parceria

com o Estado buscássemos o bem comum. Em resumo, o conceito de empoderamento adotado para este trabalho pode ser encontrado em um relatório da OMS – Organização Mundial de Saúde (1998) definido como:

um processo social, cultural, psicológico ou político através do qual indivíduos e grupos sociais tornam-se capazes de expressar suas necessidades, expressar suas preocupações, elaborar estratégias de envolvimento na tomada de decisões e atuar política, social e culturalmente para ir ao encontro de suas necessidades (tradução livre).

O grande benefício do empoderamento comunitário é minimizar a dependência externa por parte da comunidade. Muitas vezes ações filantrópicas pontuais podem ir contra um processo de empoderamento por não envolver a comunidade, seus princípios e reais demandas. Raramente o Estado irá fazer esse papel de estar na comunidade e aos poucos ir dando o tal empoderamento, em função disso essa função social ganha destaque nas ações do terceiro setor, que normalmente trabalha com comunidades frente a frente e desperta esse interesse. Leides Barroso (2008, p.15) traz uma importante reflexão em seu livro acerca do empoderamento:

é importante ressaltar que o empoderamento comunitário não significa a ação vicária de assumir responsabilidades que competem ao Estado, mas sim a de evitar forma clientelísticas de mobilização da comunidade para o enfrentamento de seus problemas e devolver a ela o protagonismo na construção das múltiplas facetas da cidadania e justiça social.

Com o apresentado acerca do conceito permite-se concluir para este trabalho que o empoderamento é de suma importância a curto e médio prazo no sentido de haver uma auto-organização da comunidade para atender suas próprias demandas, e em longo prazo uma maior participação política e presença na formulação e execução de políticas públicas. Tratando-se de um processo contínuo de fortalecimento da ação individual e coletiva, como demonstra Leides Barroso (2008) em seu posicionamento sobre o tema.

Terceiro Setor e Voluntariado

Diferente do primeiro setor (governo) e do segundo setor (mercado), as organizações do terceiro setor englobam todas as entidades sem fins lucrativos que são criadas, normalmente, para auxiliar a sociedade em suas demandas não atendidas pelo Estado, com objetivo voltado para a realização do bem comum. É notória a força que o setor vem ganhando, são 556,8 mil entidades sem fins lucrativos no Brasil (IBGE, 2010).

Figura 1 - Comparação dos três setores

Combinações resultantes da conjunção entre o público e o privado				
AGENTES		FINS		SETOR
Privados	Para	privados	=	Mercado
Públicos	Para	públicos	=	Estado
Privados	Para	públicos	=	Terceiro Setor
Públicos	Para	privados	=	(corrupção)

Autor: Fernandes, 1994

O terceiro setor pode ser considerado o grande fomentador da atividade voluntária, uma vez que muitas organizações são mantidas graças ao envolvimento de pessoas que se satisfazem pela causa e não necessariamente pelo retorno financeiro. A satisfação por traz da causa é a própria recompensa que o voluntário recebe, além de poder aplicar suas vocações, trabalhando com o que gosta. O trabalho voluntário é regulado pela Lei 9.608/98 que traz em seu artigo 1º a definição:

considera-se serviço voluntário, para fins desta Lei, a atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza, ou a instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade.

Visto que o trabalho busca compreender o processo de envolver o cidadão como protagonista na busca pelo desenvolvimento comunitário, as organizações do terceiro setor, além de serem possíveis parceiras na articulação e enfrentamento de demandas, são exemplos claros do sucesso que uma causa pode ter quando há pessoas engajadas e dispostas a lutar por algo, independente de um retorno financeiro. Vale comentar que o Instituto Elos, criador da metodologia usada neste trabalho, é uma organização do terceiro setor.

Governança Pública

A governança pública surge como uma forma de articulação entre Estado, mercado e sociedade, onde há

uma mudança na gestão política. Loffer (2001) é citado por Kissler e Heidemann (2006, p.482) conceituando governança pública como segue:

uma nova geração de reformas administrativas e de Estado, que têm como objeto a ação conjunta, levada a efeito de forma eficaz, transparente e compartilhada, pelo Estado, pelas empresas e pela sociedade civil, visando uma solução inovadora dos problemas sociais e criando possibilidades e chances de um desenvolvimento futuro sustentável para todos os participantes.

De acordo com o posicionamento de Kissler e Heidemann (2006), a governança pública visa colocar a coprodução em prática, aproximando os atores públicos, comunitários e privados. Uma forma de se aplicar isso é usando a governança local (self-organizing), “que é uma forma autônoma de coordenação e cooperação” (Jann, 2003:449). A governança pública faz da orientação para o bem o comum o diferencial entre simples governança e boa governança. Assim é possível perceber um Estado que serve de garantia à produção do bem público, ativa, aciona e coordena outros atores a produzir com ele, se mostrando um Estado cooperativo, que produz o bem público em conjunto com outros atores.

Políticas Públicas

Uma política pública é uma diretriz elaborada para enfrentar um problema público (SECCHI, 2013, p.2). Um problema público é a distância entre o status quo e uma situação ideal possível de realidade pública, é o que define

SJOBLOM (1984) citado por SECCHI (2013, p.10). No campo de estudos das políticas públicas, nos deparamos com correntes estatistas e correntes multicêntricas no que se refere ao protagonismo no estabelecimento de política públicas. A abordagem estatista ou estadocêntrica (*state-centered policy making*) “considera as políticas públicas, analiticamente, monopólio de atores estatais. Em outras palavras, é política pública somente quando emanada de ator estatal” (Heclo, 1972; Dye, 1972; Meny e Thoenig, 1991; Bucci, 2002; Howlett, Ramesh e Pearl, 2013 apud SECCHI et al, 2013, p.2). Neste trabalho foi adotado o conceito da abordagem multicêntrica, que por outro lado considera “organizações privadas, não governamentais, organismos multilaterais, redes de políticas públicas (*policy networks*), juntamente com os atores estatais, protagonistas no estabelecimento de políticas públicas” (Dror, 1971; Kooiman, 1993; Rhodes, 1997; Regonini, 2001; Hager, 2003 apud SECCHI et al, 2013, p.2).

Segundo Aligica e Tarko (2012, p.250), citados por (SECCHI, 2013, p.3) a abordagem multicêntrica “envolve a existência de múltiplos centros de tomada de decisão dentro de um conjunto de regras aceitas”. Nesta abordagem há uma diferenciação entre a política pública e a política governamental, que no caso da abordagem estatista é tratado como sinônimo. Políticas governamentais são, de fato, provenientes de atores governamentais, emanadas pelo Legislativo, Executivo e Judiciário. A frase de Heidemann (2009, p.31), também citado por SECCHI (2013), ilustra bem essa delimitação: “a perspectiva de política pública vai além da perspectiva de

políticas governamentais, na medida em que o governo, com sua estrutura administrativa, não é a única instituição a servir à comunidade política, isto é, a promover políticas públicas". Ou se a, as políticas governamentais representam um subgrupo de política públicas.

Feita tal análise, permite-se concluir para o presente trabalho que o cidadão pode ser o protagonista da mudança social em sua cidade e comunidade. O cidadão pode ser tomador de decisão e aplicar políticas públicas uma vez que está focado em resolver problemas públicos. Problemas esses que são intersubjetivos, o que é problema para um cidadão pode não ser para o outro, mas é justamente através do engajamento social que os problemas mais comuns serão identificados e a partir disso pode-se considerar um problema público pois não satisfaz um grande número de pessoas.

Desenvolvimento Comunitário

Como apresentado na introdução deste trabalho, desenvolvimento comunitário é:

um processo por meio do qual uma comunidade torna-se protagonista de seu próprio desenvolvimento. Esse processo ocorre por meio do desenvolvimento dos capitais humano e social, atendendo as seguintes premissas: mobilização comunitária, construção coletiva do conhecimento, criação e manutenção de espaços de participação, valorização dos talentos e recursos locais, articulação Inter setorial e respeito ao tempo e às capacidades da sociedade (IDIS, 2010).

Para Amam (1981, p.147):

processo através do qual cada povo participa do planejamento e da realização de programas que se destinam a elevar o padrão de suas vidas. Isso implica na colaboração indispensável entre os governos e o povo para tornar eficazes os esquemas de desenvolvimento viáveis e equilibrados.

Os dois conceitos apresentados podem ser resumidos em duas palavras: participação (no sentido de envolvimento popular) e articulação (entre os setores da sociedade). Quando há uma participação do cidadão aliada a uma cooperação entre sociedade civil, mercado e Estado, é possível iniciar um processo de desenvolvimento comunitário. Processo no qual é necessário um tempo de maturação, um tempo onde a comunidade em questão vai perceber seu talentos e recursos locais. Vai perceber que articulando parcerias é possível trabalhar em prol do bem comum, sem depender exclusivamente do poder público.

A partir de um processo de desenvolvimento comunitário, demandas são identificadas e a partir disso começam a surgir líderes dentro da comunidade, que se engajam naturalmente na causa pois acreditam no benefício que está por trás do enfrentamento de tal problema. São essas pessoas que, provavelmente, irão conduzir um processo até o final. Ou melhor, são essas pessoas que estarão sempre comprometidas com o desenvolvimento comunitário de sua comunidade. E isso é importante ressaltar, uma vez que não são todas as pessoas que vivem em determinado lugar (agora tratando

de região) que irão se engajar. Resgatando o conceito apresentado de comunidade, não necessariamente se limita ao espaço geográfico, sendo que as pessoas que demonstrem laços afetivos e valores compartilhados já são suficientes para a formação de uma dita comunidade. Um processo de desenvolvimento comunitário costuma ter poucas pessoas engajadas em seu início, e ao longo do processo outras vão se envolvendo por verem os impactos que estão ocorrendo. Vale fazer uma conexão com o conceito de empoeiramento, também apresentado anteriormente. Quanto mais dependente de agentes externos, menor a possibilidade de que um processo de desenvolvimento comunitário se instaure em determinada comunidade, uma vez que grande parte dos investimentos feitos nesses locais são focados em problemas, sem despertar o potencial que as próprias pessoas têm e podem usar.

O processo de reconhecimento das capacidades começam a untar seus talentos e recursos em novas combinações, novas estruturas de oportunidade, novas fontes de renda e controle, e novas possibilidades de produção (Kretzmann e McKnight apud NEUMANN 2004, p. 23).

A partir do que foi apresentado até aqui é possível concluir que o desenvolvimento comunitário é uma ótima alternativa para desafogar o poder público das diversas demandas que não consegue atender, além de ser um processo que diminui a desigualdade e dá voz a quem antes não tinha, deixando claro que a essência de todo o processo é o protagonismo da cidadão na ação de mudança.

Procedimentos Metodológicos

O presente trabalho se caracteriza pela combinação da teoria e prática. Toda a contextualização do problema bem como o referencial teórico utilizado dão embasamento a uma motivação em utilizar a metodologia do Jogo Oasis para promover mudanças em comunidades. O entendimento acerca de comunidade é amplo e será aprofundado posteriormente. A abordagem ao problema será empírica, envolvendo outras pessoas, sendo através de pesquisas aplicadas e da formação do grupo interessado em participar do experimento.

A metodologia do Jogo Oasis foi desenvolvida pelo Instituto Elos, organização sem fins lucrativos de utilidade pública municipal, estadual e federal, com sede em Santos, São Paulo. Fundada no ano de 2000 por um grupo de arquitetos urbanistas, o Elos nasceu com o objetivo de empoeirar pessoas para a construção de espaços com mais qualidade de vida e tem como propósito impulsionar o movimento de fazer acontecer já o mundo que todos sonhamos. O foco em jovens e comunidades ficou ainda mais claro quando o Elos criou o Oasis, um jogo para impulsionar a mobilização rápida de comunidades através da transformação de um espaço físico de uso comum, baseado na Filosofia Elos. O Oasis é uma ferramenta de uso livre, aplicada tanto pelo Elos como por jovens empreendedores de todo o mundo.

A Filosofia Elos nos ensina que podemos mudar o mundo já com os recursos que dispomos e muitas vezes

nem sabemos. Isso é feito de maneira coletiva, prazerosa e divertida. Acredita-se que materializar o melhor dos mundos é possível se pudermos fazê-lo de livre e espontânea vontade, sem sofrimento e com segurança de que nossos esforços estão sendo efetivos. Todas as ações, ferramentas, programas e projetos do Instituto Elos baseiam- se na Filosofia Elos, que compreende sete disciplinas: olhar, afeto, sonho, cuidado, milagre, celebração e re-evolução. Como dito anteriormente, o Jogo Oasis é baseado na Filosofia Elos e por isso faz-se necessário explicar as sete disciplinas que compõe tal Filosofia.

O “olhar” é o exercício de uma atitude apreciativa, é buscar o bom, o belo, o que existe ao invés do que não existe. A partir do momento em que esse olhar sem julgamento é estabelecido, o grupo está pronto para começar a se relacionar com a comunidade e estabelecer laços de confiança. Neste ponto entramos na disciplina do afeto, e pode-se dizer que é nessa transição que um capital social começa a ser criado.

O “afeto” consiste em conhecer as pessoas que vivem na comunidade, estabelecer laços com elas para que haja uma confiança mútua. Na disciplina do afeto é onde há uma desmistificação dessa distância que normalmente há entre a sociedade em geral e as ditas comunidades, periferias ou até mesmo favelas. Através do olhar e afeto é possível reconhecer belezas, talentos e recursos que existem em determinada comunidade e seus moradores. É preciso criar o afeto antes do medo e julgamento.

Estabelecida essa relação com a comunidade é hora de dar um passo a mais dentro da Filosofia, identificando os sonhos que essas pessoas têm para a sua comunidade.

O “sonho” representa a terceira disciplina dentro da Filosofia e é um ponto crucial para que as próximas disciplinas façam sentido. Pode-se pensar na disciplina do sonho como uma extensão do afeto pois é um momento onde continuará havendo um contato direto com a comunidade, através de conversas e escuta ativa, mas dessa vez com o objetivo de conduzir essas conversas e vivencias para a extração de um sonho que cada pessoa tem. Um sonho maior do que ela mesmo, um sonho que não seja apenas de benefício próprio mas sim de sua comunidade também. A partir do momento em que é encontrado um, ou mais, sonho que se repete pode-se dizer que há um sonho em comum naquela comunidade, e que a realização disso pode trazer um impacto social positivo para diversas pessoas que lá vivem. A Filosofia Elos valoriza o sonho como maior impulso para a mudança. Com os sonhos identificados é possível seguir adiante e agora cuidar do planejamento para que isso seja realizado.

A quarta disciplina é chamada de “cuidado” e representa literalmente o cuidado que se deve ter com os sonhos identificados. Um sonho não é brincadeira, ainda mais sendo comum, de várias pessoas. Essa é a parte da metodologia que usamos do artifício de prototipagem para simular o resultado final que se deseja com a atuação dos cidadãos em tal intervenção. Construção de estratégias

e projetos pra realização desse sonho. Nessa fase haverá uma captação e organização de recursos necessários para tornar os sonhos reais. É um momento onde a comunidade e o grupo de trabalho caminham juntos, cuidando ao mesmo tempo de nós mesmos, dos outros e do nosso sonho comum. A partir dessa disciplina se tem como resultado um plano de ação e agora é a hora de agir e fazer um milagre acontecer.

O “milagre” representa a quinta disciplina da Filosofia Elos e se pode dizer que é um dos momentos mais esperados tanto pela comunidade como pelo grupo envolvido no trabalho. Trata-se do momento onde tudo que começou com um olhar, tende a tornar-se realidade. Todos os talentos, belezas e recursos identificados na comunidade e em cada um de seus moradores será muito útil para a realização do milagre. Nessa etapa é a hora de colocar a mão na massa para que o sonho identificado e projetado, se torne real. Espera-se que até o momento dessa disciplina acontecer que se tenha gerado laços de confiança com a comunidade, para que essa se envolva no trabalho e dê o seu suor por algo que será para ela e sua família. A ideia principal da metodologia é envolver a comunidade em todas as etapas, para que seja uma construção coletiva, com a comunidade, e não para a comunidade. Depois de o milagre estar concretizado, podemos seguir para a próxima disciplina, que consiste em reconhecer e comemorar o que foi feito.

A sexta disciplina da Filosofia Elos é chamada de “celebração”, é a consagração de todo o processo, é o

momento onde há a valorização de tudo que foi feito, onde se reconhece e celebra a contribuição de cada pessoa na conquista coletiva. E o mais importante, é o momento onde nos conectamos com um sonho mais profundo: o de construir um mundo melhor, o mundo que queremos.

Por fim, e não menos importante, a disciplina da “re-evolução”. É o momento onde se pensa o que se quer para o futuro. A comunidade percebe que foi capaz de realizar seus sonhos em alguns dias e percebe também que há belezas, recursos, pessoas, talentos ao seu redor. Sonhos maiores começam a surgir dotados de auto confiança. Se em dias foi possível fazer uma praça, por exemplo, o que uma comunidade unida pode realizar em um ano? O objetivo da última disciplina é evoluir na jornada impulsionando a construção de novos sonhos. Na direção da construção do mundo que sonhamos.

É importante frisar que tal metodologia é aplicável em qualquer situação, não necessariamente em uma comunidade onde há maior desigualdade social, mas em qualquer lugar onde tenham pessoas que convivam juntas e tenham sonhos em comum. É claro que cada país, estado, cidade apresenta um contexto diferente, e possíveis adaptações podem-se fazer necessárias. E através deste trabalho iremos vivenciar a aplicabilidade da metodologia no contexto de Florianópolis. No site do Instituto Elos há uma seção chamada “V de os Inspiradores” e dentro da categoria “Oasis” é possível ver diversos exemplos de sucesso no uso da metodologia.

Quando se fala em desenvolvimento comunitário normalmente é pensado em algo em longo prazo, uma vez que o desenvolvimento não ocorre da noite para o dia. A metodologia do Oasis envolve a comunidade e parceiros durante um período de tempo determinado, onde desse trabalho em comunidade surge a concretização dos sonhos identificados na aplicação da metodologia. Mais do que realizar um sonho, o Oasis vem com um objetivo maior por trás, que é fazer com que a comunidade em questão perceba o potencial que há naquela região e em cada um de seus moradores. Perceba que o que foi feito durante a aplicação do Jogo Oasis pode ser muito bem replicada inúmeras vezes, por eles mesmos, a fim de realizar mais sonhos que surgirem. Esse é o maior impacto que um Oasis visa deixar na comunidade.

Como foi apresentado no capítulo anterior, principalmente com os conceitos de empoeiramento e desenvolvimento comunitário, uma ação do tipo do Oasis é um primeiro passo para transformações futuras. Depois da aplicação da metodologia há a tendência em aparecer líderes dentro da comunidade que se motivem em continuar o que foi feito, pois viram que é possível realizar. A partir disso uma rede começa a se formar dando uma nova organização em tal comunidade. Como o desenvolvimento comunitário não ocorre de uma hora para outra, o Oasis é uma ferramenta que permite despertar essa mudança, sendo que o que ocorre depois depende muito do contexto de cada comunidade e do tamanho do envolvimento conquistado.

De acordo com registros do Instituto Elos, verifica-se a ocorrência de 226 Oasis contando com a participação de 21.034 pessoas, isso em diversas regiões do Brasil e do mundo. Acredita-se que os números são ainda maiores, porém é difícil a monitoração visto que o Oasis é um metodologia livre. Mas os dados disponíveis já representam uma grande amostragem de ações, o que valida o uso e impacto da metodologia.

Objetivos (sonhos) atingidos com a aplicação

Conforme o que fora apresentado anteriormente, a metodologia do Jogo Oasis é uma ferramenta de mobilização cidadã que visa a realização de sonhos coletivos. A proposta de intervenção deste trabalho consiste em utilizar tal método em alguma comunidade da Grande Florianópolis, formalizando a parceria com o Grupo de Apoio a Laringectomizados - GAL, futuramente representado pela Associação de Câncer de Boca e Garganta - ACBG Brasil, como fruto de um dos sonhos realizados com a metodologia proposta aqui.

- GAL

O GAL - Grupo de Apoio a Laringectomizados, é um grupo que foi idealizado há 19 anos e segue sendo coordenado pela Fonoaudióloga Doutora Elisa Gomes Vieira do CEPON - Centro de Pesquisas Oncológicas em Florianópolis, que tem por objetivo o apoio aos pacientes e familiares que passam por essa mutilação e tem que reaprender a falar e a interagir na sociedade de maneira

saudável e feliz. Participam pacientes de Câncer de Boca e Garganta e muitos, fizeram Laringectomia (retirada parcial ou total da laringe em virtude do tumor) e a Traqueostomia (orifício no pescoço/traqueia como nova e única forma de respiração do paciente).

O grupo promove encontros mensais dentro do CEPON com o intuito de unir os pacientes e suas famílias para promover a troca de experiências e ajuda mútua acerca da reabilitação e práticas que facilitem a adaptação. Atualmente, cada encontro propõe uma palestra com algum profissional da área para discutir sobre alguma temática importante para a recuperação desses pacientes, seja física ou psicológica. Depois de mais de 17 anos atuando de forma tímida, o grupo veio a ser renovado com a entrada de uma paciente um tanto sonhadora, e que hoje divide a coordenação do mesmo com a Fonoaudióloga Doutora Elisa Gomes Vieira.

- CEPON

O CEPON - Centro de Pesquisas Oncológicas, é referência no tratamento oncológico em Santa Catarina e grande parte dos pacientes que participam do grupo são atendidos neste órgão. Pelo fato de a Fonoaudióloga Doutora Elisa Gomes Vieira prestar atendimento nesta instituição, sua ideia com o grupo do GAL contou com o apoio do CEPON, desde o início, no que tange ceder um espaço para realização dos encontros mensais. Sendo assim, por mais de 19 anos o CEPON disponibiliza uma sala com estrutura adequada para o trabalho do grupo e é

beneficiado indiretamente com a prestação de um serviço de apoio gratuito ao seu paciente, visto o paciente de câncer não necessita apenas dos tratamentos médicos e possíveis cirurgias, mas também de um acolhimento e reinserção social. Como será demonstrado ao longo do trabalho, o GAL sempre procurou envolver os colaboradores do CEPON em todas suas atividades, promovendo assim maior conhecimento e informação acerca do tema.

Apesar da realização dos encontros serem no CEPON, qualquer paciente é bem vindo, seja qual for a instituição que recorreu ao atendimento bem como qualquer cidade de Santa Catarina. O permanência durante todos esses anos no mesmo local se deu em função da praticidade identificada pelos pacientes. Como muitos se tratam no CEPON, nada melhor do que permanecer no mesmo local para participar dos encontros. Em função disso, como uma estratégia para maior aderência e assiduidade, os encontros tendem a permanecer no mesmo local.

- Sonhos

Essa sessão apresenta todas as demandas identificadas ao longo do período de aplicação da metodologia, que durou mais de 2 meses. Na Filosofia Elos, essas demandas é o que chamamos de sonhos. A tabela abaixo procura seguir uma ordem cronológica do que foi realizado através dos passos que a Filosofia Elos propõe.

1) O que precisamos?

Ter mais informações sobre nosso público alvo.

O que fazer?

Levantamento de dados a respeito dos pacientes que deram entrada no CEPON acometidos de câncer de boca e garganta especificamente de 2000 até 2014.

Essa coleta foi importante para ter uma noção do público alvo em questão e reafirmar a importância da existência de tal iniciativa e assim abrir precedente para uma expansão. A partir dela, houve um cadastro básico com o nome do paciente, endereço, telefone e e-mail para que pudessem ser contatados para as reuniões.

2) O que precisamos?

Mais profissionais da saúde envolvidos e à disposição para ajudar

O que fazer?

Convites formais e reuniões de apresentação da importância do grupo. Hoje o GAL conta com o apoio de um psicólogo, nutricionista, fisioterapeuta, assistente social em todas as reuniões.

A cada reunião, um paciente tem uma demanda diferente, e ele já sai da reunião com o devido encaminhamento, ou seja, mais confortado e assistido. O objetivo era que todos os médicos e profissionais multidisciplinares soubessem da existência do grupo e que o indicassem aos seus pacientes para que participassem dos encontros. Uma laringectomia total, causa um

impacto muito radical no paciente e em toda a sua família. Um paciente com diagnóstico confirmado de câncer de laringe deveria passar pelo grupo antes de se submeter a todo o processo. Primeiramente para que visualize outras pessoas vivas e reabilitadas, podendo sentir-se mais confiante e forte para enfrentar tudo que o espera. Segundo, para ter conhecimento de todas as formas possíveis de reabilitação fonatória, sendo que a mais eficiente delas, deve ocorrer já no ato da cirurgia. Trata-se da prótese traquesofágica, por estas razões, ter acesso ao grupo antes, durante e depois só traz benefícios e conforto a todos que participam. A ideia central nesse primeiro momento foi estabelecer uma identidade dentro do CEPON e que ficasse claro a todos os profissionais de saúde e até mesmo aos técnicos administrativos, que a existência do GAL é importante e que o apoio deles é necessário para efetividade e continuidade do grupo.

Seguindo a linha de formular uma identidade, foi criado um grupo no Facebook que atualmente conta com 247 membros. No início participavam apenas os mais próximos ao grupo, hoje são pessoas de diversas partes do Brasil e do mundo. Entre eles acadêmicos, profissionais da área, pacientes e familiares. O grupo funciona como uma troca de informação sobre essa temática bem como para divulgar as ações e encontros presenciais, já que o grupo viu a necessidade de criar uma agenda fixa e divulga-la previamente. Além disso uma a agenda com as datas dos encontros mensais é afixada em todos os locais visíveis dentro da instituição de forma que todos possam ter

acesso e consequentemente venham a participar futuramente.

Posicionamento e Marketing

Tendo alcançado positivamente o sonho anterior, o pensamento de posicionamento e criação de identidade do grupo ficou ainda mais forte. Com isso, foi estabelecida uma parceria com a agência Full Designer de São Paulo, a qual se interessou pela causa e se dispôs a fazer uma marca e algumas peças para ajudar na divulgação. Elegeram a cor amarela para se diferenciarem do rosa e do azul já utilizados nacionalmente por outras duas nobres causas em prol do câncer. Apesar de ainda não instituído como uma organização formal, o GAL começou a formar uma identidade concreta, pois antes, apesar de importante, era algo um tanto abstrato e pouco divulgado.

Com a criação dessas peças de comunicação, foi sugerida a criação de uma página no Facebook. Até então havia o uso do grupo, mas como essa ferramenta digital possibilita diferentes abordagens e funcionalidades, constatou-se que uma página de Organização Social poderia ser ainda melhor para divulgar as ações ao grande público e ampliar o número de apoiadores da causa. Hoje a página conta com 527 curtidas e uma interação considerável em suas postagens. Esta página possibilitou a comunicação e a interação do GAL com outros grupos dentro e fora do País. Desta forma, muitas informações importantes para a reabilitação dos pacientes foi conquistada através dessa ferramenta. O GAL é procurado

por pacientes de todas as cidades em busca de auxilio, informação e alento. Contam com uma rede grande de relacionamento e através dela, tem sido possível ajudar efetivamente muitas pessoas através do Facebook.

Para trazer uma imagem ainda mais característica e tentar, ainda que em pequena escala, angariar alguns recursos, foi criada uma camiseta do GAL, também em parceria com a Full Designer. As camisetas foram produzidas com o dinheiro de doações de todos do grupo e seus familiares e amigos. Assim que prontas, todos integrantes ganharam uma e o restante foi utilizado para vendas no valor de R\$ 20 com o intuito de formar um caixa para o grupo.

Já com marca própria, página no Facebook, endereço de e-mail e camisetas padronizadas em todas as reuniões e eventos e agenda anual estabelecida o GAL passou a ganhar corpo de iniciativa minimamente organizada e merecedora de atenção por parte da instituição onde estava inserido, o CEPON. Além de todos esses feitos, o GAL ainda contou com a contribuição de acadêmicos da ESAG que desenvolveram algumas estratégias de marketing para difundir a existência da organização na sociedade, que podem ser consultadas nos anexos.

Expandindo possibilidades

Percebe-se que, aos poucos, uma identidade foi sendo criada e com isso o grupo começou a crescer e ganhar credibilidade. Mesmo com tudo que foi feito até

aqui, o grupo ainda continuava apenas com encontros esporádicos e sob o formato de palestras motivacionais e conversas. Dada a amplitude da demanda e o pouco atendimento do poder público, integrantes do grupo sentiam que poderiam fazer mais. Estimulados pela Filosofia Elos, perceberam que poderiam tentar ampliar o foco de atuação e atividades, não retirando o que já vinha sendo feito mas complementando com demandas que eles tinham claramente uma lacuna no suprimento. A partir disso foi sugerido o uso da ferramenta de modelagem de negócios Canvas, proveniente do livro internacionalmente conhecido Business Model Generation.

O Canvas sugere que através de alguns blocos chaves, sob perguntas estratégicas, podemos modelar uma ideia em um negócio, seja lá qual formato jurídico for escolhido. Na foto abaixo é possível ver o esboço do que foi o primeiro Canvas. Através dessa ferramenta foi possível afunilar as diversas possibilidades levantadas a respeito da atuação futura do grupo. Através dessa atividade ficou clara a necessidade da formação de uma associação sem fins lucrativos, mas outros sonhos ainda estavam em pauta e isso ficou para um pouco mais tarde.

Atuação em Rede

Com a elaboração do Canvas, uma das reflexões feitas teve relação com a importância das parcerias, tanto nos projetos que viessem a ser realizados como para troca de experiências e conhecimento. Esse intercâmbio de informação seria muito importante para a construção deste

grupo novo e determinado. A partir disso, foi feito uma ampla pesquisa de benchmarking para se ter conhecimento a nível Brasil, primeiramente, de iniciativas como a do grupo. Desta pesquisa surgiram parcerias como a com o Grupo Sua Voz do Hospital AC Camargo e a Atos Medical do Brasil – empresa que importa da Suécia as próteses traquesofágicas, ambas em São Paulo. Membros do grupo foram até São Paulo para estabelecer tais conexões e descobriram, entre muitas outras coisas, possibilidades de reabilitação fonatória, as quais não tinham tanto conhecimento. Importante ressaltar que o sonho maior de qualquer laringectomizado é reabilitação fonatória. A partir disso ficou ainda mais evidente para o grupo – já que tinham pensado nisto na elaboração do Canvas – a necessidade de trabalhar no ramo da Advocacy para lutar por mais direitos aos pacientes, como a obtenção de próteses via SUS – já que as mesmas são bem custosas e necessitam de trocas esporádicas ao longo da vida do paciente, além dos acessórios necessários para obtenção da qualidade de voz e de respiração.

Além da viagem à São Paulo, outra viagem para Chapecó foi feita, com o mesmo objetivo. Conhecer o Grupo Grandes Guerreiros do Oeste foi importante para estabelecermos um relacionamento com outro centro de tratamento de alta complexidade da rede oncológica de nosso Estado. O Hospital Regional, que atende pelo SUS já pratica a colocação de próteses. E os pacientes do grupo já conhecem o procedimento e alguns fizeram a opção pela aquisição particular para que o médico do hospital fizesse a colocação no ato da Laringectomia. Ou seja, a cidade de

Chapecó está mais a frente desta prática do que a Capital do Estado. Houve contato com um paciente em específico que ao receber a comprovação do diagnóstico e da eminência da Laringectomia pode conhecer o grupo, ver pessoas reabilitadas e conseguiu fazer sua opção com 100% de segurança e 15 dias depois, já estava falando. Conseguindo pular toda parte do trauma da mudez que a grande maioria sofre, e muitos permanecem nele a vida toda. Essas viagens e contatos trouxeram muitas inspirações ao grupo e a partir disso outro sonho começa a tomar forma: fazer eventos para comunidade do CEPON, para todos os acadêmicos e residentes interessados na área para falar abertamente sobre os laringectomizados e suas necessidades. Sonho esse que foi concretizado e será abordado em tópico posterior.

E a atuação em rede não se limitou a isso. Através da página do Facebook e do Grupo criado bem no início das atividades, pessoas de organizações nacionais e internacionais procuraram o GAL principalmente para troca de experiências, o que foi muito bom para o grupo se motivar a continuar fazendo a diferença. Entre elas vale citar a Asociación Barcelonesa de Laringectomizados, o Instituto Oncoguia, Grupo de Pacientes Laringectomizados do INCA, Laringectomizados de Lisboa, Laringectomizados de Madrid, GALA de Porto Alegre, entre outros. Além disso, o GAL começou a ser convidado em algumas ocasiões pertinentes para contar um pouco de sua história, como no Dia do Fonoaudiólogo na UFSC, dos encontros que o Conselho Municipal de Saúde desenvolveu para falar sobre tabagismo (em três

ocasiões diferentes) e por fim ao Congresso Nacional de Fonoaudiologia promovido pela Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia que foi realizado em Joinville. Ainda houve um convite por parte da ACT - Aliança de Controle do Tabagismo e Saúde para o debate aberto que aconteceu após a exibição do curta sobre tabagismo chamado “2 pesos e 2 medidas”, produzido pela própria ACT. As aparições do GAL em meio aos eventos com acadêmicos, agregaram uma estagiária voluntária para auxiliar no andamento do grupo, nas reuniões e algumas atividades administrativas.

Evento e Projeção Nacional

Como dito anteriormente, o grupo demonstrou o ensejo em fazer eventos pertinentes à comunidade, com o intuito de conscientizar o povo a respeito do câncer de laringe, boca e garganta. Com as parcerias instituídas em São Paulo, foi possível promover um evento muito além das expectativas por ser o primeiro.

O evento contou com o apoio da Atos Medical Brasil e do CEPON, sendo realizado logo em frente ao CEPON, no Hotel Mercure, no bairro do Itacorubi, financiado pela Atos Medical do Brasil. O encontro envolveu acadêmicos de áreas relacionadas, profissionais da saúde, pacientes e familiares e colaboradores do CEPON. O objetivo central foi explicar quem somos, nossas necessidades, as possibilidades da reabilitação fonatória através da colocação das próteses.

Além da alta qualidade das informações que foi passada aos participantes no evento, o GAL ainda proporcionou aos pacientes o acesso a quatro próteses traqueoesofágicas sem custo algum, via doação solicitada a Atos Medical do Brasil. Essas próteses foram colocadas nos pacientes no mesmo dia, logo após o evento. Como se não bastasse tanto sucesso, houve procura por parte do programa Bem Estar da Rede Globo para retratar em maior detalhes a vida de algum paciente que enfrentasse tal dificuldade. Isso porque muito tempo antes disso tudo acontecer, um membro enviou um e-mail despretensioso à produção dizendo que deveriam mostrar matérias a respeito da perda da voz. E a resposta positiva para isso veio um ano depois, em forma de convite para que um paciente do GAL fosse o protagonista da matéria, e tal convite surgiu exatamente na época do evento, o que culminou em uma matéria divulgada em rede nacional sobre o grupo e a laringectómica. Os vídeos estão disponíveis no YouTube e foram divididos em duas partes, além de uma exclusiva reproduzida em outro jornal da RBS TV. Os vídeos já somam mais de 3200 visualizações.

Formação de Agenda (Advocacy)

Logo após o primeiro evento o GAL buscou ajuda noutra organização, já consolidada há anos, a AMUCC - Associação Brasileira de Portadores de Câncer, para oficializar o pedido de fornecimento de próteses traqueoesofágicas via SUS para todo Brasil, diretamente para o Gabinete da Presidente da República Dilma

Rousseff. Por ocasião da viagem em Chapecó, o GAL conheceu o Dep. Fed. Valdir Collato que prometeu se engajar e ajudar a tramitar esse ofício, sendo ele que protocolou em Brasília, aonde segue tramitando. O ofício enviado pode ser conferido nos anexos do trabalho.

Seguindo o mesmo ensejo, o GAL buscou apoio na elaboração de um projeto que viabilizasse a obtenção e colocação das próteses via SUS. O projeto foi realizado por Acadêmicos da ESAG que cursavam a disciplina de Desenvolvimento de Projetos Públicos, prevendo além do solicitado outras duas entregas que viriam a contribuir com a organização. Os principais pontos de contribuição dos acadêmicos podem ser consultados nos anexos.

Além disso, o grupo aderiu à campanha do Dia Mundial da Voz, que sempre é comemorada no dia 16 de Abril. A campanha foi encabeçada, a nível nacional, pela Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. O GAL produziu vídeos de três pessoas famosas na televisão e rádio de Florianópolis alertando para o cuidado com a voz. Em maio, dia 31, veicularam um outdoor no CEPON em comemoração ao Dia Mundial Sem Tabaco.

Institucionalizando

Após todos esses sonhos que foram surgindo ao longo do processo, ficou claro que o grupo tinha um grande público alvo pra atender em relação a uma demanda pouco suprida, ao menos em Santa Catarina. Com isso, se teve por sonho final, dentro da parceria de aplicação da Filosofia Elos, a institucionalização do grupo

como uma associação sem fins lucrativos. Para poder fazer um trabalho mais crível e abrir ainda mais portas, o grupo se determinou a fazer o necessário para elaborar seu estatuto, diretoria e conselho. A falta do CNPJ dificultava a captação de recursos para projetos maiores, pois até então, tudo que foi feito partiu de colaboração dos pacientes, familiares e pessoas próximas.

Como premissa do grupo, deveriam atuar em rede, pois juntos se vai mais longe. E nessa etapa dos sonhos não foi diferente. O grupo buscou parceria com o CAIS – Centro de Apoio à Inovação Social, uma iniciativa do ICom – Instituto Comunitário Grande Florianópolis. No CAIS os membros do GAL tiveram apoio contábil em parceria com o CRC/SC – Conselho Regional de Contabilidade de Santa Catarina. Tendo as orientações necessárias foi mais fácil elaborar o estatuto social e demais necessidades jurídicas. Fortalecendo ainda mais as parcerias, o GAL apresentou seu trabalho para o Vilaj Coworking, um escritório compartilhado onde empreendedores trabalham no mesmo local e dividem custos e benefícios. O Vilaj cedeu ao GAL um espaço para reuniões, quando necessário, sem custo algum.

Um ponto importante nesse processo foi o reposicionamento do grupo de forma estratégica. O antes Grupo de Apoio a Laringectomizados agora seria um núcleo dentro da mais nova organização denominada Associação de Câncer de Boca e Garganta – ACBG Brasil. Com isso os parceiros da Full Designer foram ativados

mais uma vez e os ajudaram com nova marca, peças institucionais e camisetas personalizadas.

Foi instituída uma diretoria contribuinte com o intuito de formar caixa para a organização e pagar despesas pontuais para garantir um bom trabalho. Com a organização instituída, o primeiro feito foi um novo evento, nos moldes do que foi realizado no primeiro, porém agora teríamos profissionais de São Paulo para palestrar e agregar ainda mais conhecimento aos acadêmicos e profissionais, que agora passariam a ser pagantes. Tivemos a presença de vários pacientes e seus familiares o que foi extremamente importante para que pudessem fazer a opção pela colocação posterior da prótese. Nesta edição, a Direção do CEPON se fez presente e elogiou muito toda a organização e a qualidade dos assuntos de batidos. Em razão disso, ao final do evento, disse que encaminhássemos um pedido formal com a descrição de todos os produtos necessários aos laringectomizados, para que o CEPON passe a fornecer aos seus pacientes a completa reabilitação fonatória. Uma grande conquista do GAL e a agora também da ACBG Brasil. Hoje a Associação promove dois encontros mensais para os assuntos administrativos e estratégicos, e outro separado do GAL no formato habitual. O site da ACBG Brasil está sendo desenvolvido e será lançado o mais breve possível com conteúdo de fácil entendimento e que tenha informações práticas de terapias, produtos e procedimentos para os pacientes. Vamos estabelecer parcerias posteriormente como forma de rentabilizar no site, fonte de recursos para a associação.

O envolvimento da sociedade

Esse tópico não vem como um sonho propriamente dito, mas uma atitude que permeou todo o processo e que foi uma premissa deste trabalho: o envolvimento da sociedade no processo. Como defende o trabalho, o cidadão pode ser protagonista da mudança social e para isso nada melhor que a formação de coalizões, e isso foi claro a todo o momento neste trabalho. Não obstante, segue um resumo a respeito dos atores envolvidos e que contribuíram de alguma forma ao processo bem como uma foto ilustrativa.

Re-evolução

Se fosse para resumir todas conquistas citadas anteriormente com um único objetivo, de acordo com a própria organização: mostrar ao mundo que os laringectomizados existem. Claro que ao mundo é o grande sonho. Mas se nos concentrarmos em Florianópolis, com toda certeza já foi possível mostrar muito mais do que se fazia anteriormente. E uma vez percebendo que foi possível realizar tanta coisa boa para a comunidade em um espaço de tempo de um ano apenas, o que o futuro os reserva?

Os últimos encontros com o grupo tiveram por objetivo traçar um mapa de sonhos futuros por parte da organização. Como apresentado na Filosofia Elos, a re-evolução é o momento onde nos conectamos com o sonho maior, de fazer ainda melhor o que já estamos fazendo.

Refletir até onde podemos chegar com os talentos, belezas e recursos disponíveis. Sendo assim, ficou definido que o grupo pretende lutar, no curto/médio prazo em duas frentes:

- 1) Sistematização para que o CEPON forneça próteses, trocas, acessórios – gratuitamente a todos os pacientes que necessitam reabilitação fonatória (pensamento escalável, colocar no SUS mas primeiro CEPON);
- 2) Escrever projeto para o PRONON angariando recursos do governo pra fazer campanhas de prevenção nas escolas e cartilha educativa.

Com a concretização desta etapa, encerra-se o que foi proposto neste trabalho. Foram diversos sonhos realizados em um curto período de tempo, e mais importante do que o uso da Filosofia Elos neste contexto, foi o despertar dos membros do GAL para o poder mobilizador que eles têm em mãos. A metodologia se mostrou útil como guia de todo o processo e cumpriu seu objetivo proposto no início deste relatório. A parceria com o GAL, agora um núcleo dentro da ACBG Brasil, encerrou de forma satisfatória para ambos os lados e com a certeza de que muitos frutos serão colhidos daqui pra frente.

Considerações Finais

A partir do objetivo geral e dos objetivos específicos apresentados no início do trabalho, expõe-se aqui um

resgate como conclusão do que foi estudado e aplicado. A problemática inicial partiu de uma necessidade da Unidade Concedente de Estágio, no caso a Extensão da ESAG, em como envolver a comunidade acadêmica em ações de extensão que envolvam comunidades, tornando-os cidadãos conscientes de sua responsabilidade na coprodução do bem público. Um possível caminho para a resposta em relação à problemática pode ser visto neste trabalho, mas não de forma exaustiva, vejamos o motivo.

A metodologia escolhida para a promoção do desenvolvimento comunitário foi grande aliada para envolver a comunidade acadêmica, mas não suficiente. Notou-se que o envolvimento de acadêmicos em atividades fora do horário de aula é um tanto difícil. É necessária a existência de motivações intrínsecas bem claras, visto que as extrínsecas são estimuladas, embora não esgotadas, pela metodologia utilizada. Nesta experiência, essa constatação não vale apenas para a comunidade acadêmica, mas para todos os cidadãos que foram mobilizados a participar e que poucos aderiram. Além disso, chegado este ponto do trabalho percebe-se que a ambição inicial foi um tanto grande, visto que se envolver a comunidade acadêmica e a sociedade em geral já foi difícil, tornar essas pessoas conscientes de sua responsabilidade na coprodução do bem público é ainda mais profundo. Na verdade, isso é exatamente um dos objetivos, quicando o maior, que o curso de Administração Pública da ESAG/UDESC tenta cumprir com seus alunos em quatro anos. Com certeza não é algo simples. Contudo, faz-se mister frisar que a dificuldade não representa a

ausência de envolvimento, diversos atores da sociedade contribuíram para o processo e muitos acadêmicos também, havendo assim um envolvimento de acadêmicos e sociedade, ainda que em pequena escala para a quantidade demandas públicas que temos, mas em escala satisfatória para o trabalho produtivo que foi desenvolvido.

Quanto ao objetivo geral do trabalho, que consiste em mostrar a capacidade que uma comunidade tem em se tornar protagonista do seu próprio desenvolvimento, por meio do empoderamento de cidadãos e formação de capital social, foi muito bem cumprido. O envolvimento dos membros do GAL/ACBG Brasil foi pleno, o que resultou em um desenvolvimento exponencial de algo até então muito pontual. E mais importante que o desenvolvimento, é a visão de futuro e próximos sonhos que a organização já estipulou e quer conquistar mesmo tendo este trabalho acadêmico chegado ao fim. Em relação aos objetivos específicos, foram todos atendidos, totalizando seis objetivos que serão pontuados nos próximos parágrafos.

O primeiro objetivo específico foi mapear comunidades e organizações na Grande Florianópolis que poderiam ter interesse em participar da aplicação prática do que foi proposto no trabalho. O mapeamento não se pautou em nenhum critério específico, mas sim em indicações e conversas com líderes comunitários e gestores de organizações sociais. Foi feito um primeiro acordo com uma escola estadual mas devido à greve deflagrada em Abril de 2015 em Santa Catarina, não foi possível executar

o projeto na escola. Devido a isso foi concretizada a parceria com o GAL posteriormente, havendo necessidade de ajuste de cronograma e expectativas.

O segundo objetivo específico foi formar um grupo de acadêmicos e/ou sociedade em geral que tivessem interesse em participar do processo de intervenção com a comunidade/organização escolhida. Esse objetivo foi cumprido de uma forma diferente, visto que não foi possível formar um único grupo coeso dadas dificuldades explanadas anteriormente. O que houve foi a formação de pequenos grupos, dependendo do foco de atuação, que participaram em momentos distintos do processo. O terceiro objetivo tem relação com o segundo: preparar os integrantes do grupo de voluntários na metodologia usada no estudo. Como dito, não houve um único grupo que tenha passado por todas as etapas ao mesmo tempo, mas isso não quer dizer que não houve preparação e engajamento, o que foi feito grupo a grupo, pessoa a pessoa, em momentos específicos do processo. Contudo, considera-se que o envolvimento de voluntários nesta experiência foi ótimo, dada a grande produção de materiais e suporte realizados.

O quarto objetivo específico foi elaborar uma proposta de intervenção com base na comunidade/organização escolhida e metodologia apresentada. Essa proposta foi nada mais que a apresentação para o GAL sobre o que se pretendia com o trabalho e como a metodologia iria funcionar. A proposta de intervenção representa os sete passos que orientam a

metodologia. A partir dessa conversa é que foi definida a participação do GAL no trabalho. Já respondendo ao quinto objetivo específico, que seria a aplicação da metodologia, percebe-se por todas as demandas identificadas e ações realizadas que a metodologia foi devidamente aplicada e válida para o contexto.

Por fim, o último objetivo específico consiste em analisar pontos destaque e a serem melhorados para uma consolidação de tal metodologia no contexto da Grande Florianópolis, o que foi feito a partir das reflexões destas considerações finais e em tópicos anteriores. De maneira geral, como destaque pode-se falar do sucesso no uso da metodologia, ainda que em um contexto mais administrativo e de gestão. O caráter lúdico e experimental traz um envolvimento muito forte e divertido no atendimento de demandas. Como pontos a melhorar, deve-se pensar em uma concatenação dos passos entre mobilização e ação, tentar envolver ainda mais pessoas, ampliando o impacto social. E também no que tange a seleção de comunidades, principalmente em como fazer o contato, quem procurar e como despertar o interesse no uso da metodologia.

A base teórica utilizada no trabalho teve evidencia na prática e ajudou no amadurecimento do processo, visto que cada um dos itens pontuados no marco teórico tiveram presentes ao longo da aplicação da metodologia, seja em ações indiretas ou em reflexões objetivas sobre o tema, como desenvolvimento comunitário e políticas públicas, por exemplo. Sendo assim, o embasamento

teórico se mostrou parte integradora da prática, aprofundando o conceito de cidadania e comunidade, em um sentido de redes de relações sociais com valores compartilhados. As políticas públicas estiveram presente em toda a discussão, visto que a existência do grupo se dá justamente pela ausência de políticas na área, o que reforça ainda mais a importância do terceiro setor coproduzindo os bens públicos e desenvolvendo laços de confiança entre diversos atores da sociedade. O envolvimento de diversos atores no processo e voluntários, se deu pautando-se na ideia de capital social e governança pública, sendo assim possível observar o desenvolvimento comunitário desta comunidade intitulada GAL/ACBG Brasil.

Com tudo o que fora concluído até aqui, percebe-se que foi possível tornar a comunidade do GAL/ACBG Brasil protagonista do seu próprio desenvolvimento por meio do empoeiramento estimulado na metodologia utilizada. E como observado na etapa de re-evolução, este trabalho não se dá por concluído, caracterizando-se como um grande passo inicial para novas mudanças daqui para frente. Agora, pode-se dizer que há uma cultura de capital social e coprodução instituída entre os membros da organização e também nos atores que se envolveram voluntariamente no processo.

Para concluir os comentários acerca da metodologia, ressalta-se que a Filosofia Elos, representada no Jogo Oasis, serviu como guia para a mobilização social com o intuito de gerar alguma mudança concreta no dado ambiente. Não se teve por objetivo instituir a Filosofia Elos

e o Jogo Oasis como métodos corretos de intervenção comunitária, mas sim métodos possíveis, que podem trazer resultados de impacto tanto em contextos de mobilização urbana como em contextos administrativos e de gestão, como foi o caso deste trabalho. Buscou-se aqui mostrar a importância do envolvimento do cidadão com as demandas públicas e além disso registrar o uso de uma metodologia que estimule tal envolvimento. Acredita-se que com maior produção acadêmica sobre o tema mais pessoas farão uso para proposição de mudanças e isso também foi um dos objetivos deste trabalho, que talvez possa ser mensurado futuramente se houver outras iniciativas inspiradas por ele.

Fica como sugestão para a Unidade Concedente de Estágio o incentivo de novos programas e projetos que promovam a interação de acadêmicos com a sociedade em geral, para que juntos enfrentem problemas públicos. O presente trabalho serve como experiência de uma boa prática com sugestão de metodologia que pode ser seguida por qualquer pessoa que comprometa-se a liderar um Oasis. O Jogo Oasis mostrou-se como ótima ferramenta de mobilização social para a realização de sonhos coletivos e espera-se que através deste trabalho mais sonhos possam ser realizados.

Referências

AMMANN, Safira Bezerra. **Ideologia do Desenvolvimento Comunitário no Brasil**. São Paulo, Cortez, 1981.

ARCOVERDE, Ana Cristina Brito. O coletivo ilusório: uma reflexão sobre o conceito de comunidade. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, Ed. Universitária, 1985, 189p.

BANDEIRA, Pedro. Participação, articulação de atores sociais e desenvolvimento regional. In: Texto para discussão, n. 630. Brasília: IPEA, 1999.

BAQUERO, Marcello. Construindo uma outra sociedade: O capital social na estruturação de uma cultura política participativa no Brasil. REVISTA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA No 21: 83-108 NOV. 2003.

BLANCHARD, Ken; CARLOS P., John; RANDOLPH, Alan. Empowerment exige mais que um minuto. Ed. Objetiva: 1996.

BORNSTEIN, David. Como mudar o mundo: empreendedores sociais e o poder das novas ideais. Rio de Janeiro, 2006.

FERNANDES, R.C. Privado porém público: o terceiro setor na América Latina. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

FRANCO, Augusto de. Capital social e desenvolvimento. 2004. Disponível em: <<http://goo.gl/5ZdGwN>>. Acesso em: 22 mar 2016.

GEISLER, Adriana. Revisitando o conceito de cidadania: notas para uma educação política. Trab. educ. saúde vol.4 no.2 Rio de Janeiro Sept. 2006. Disponível em: <<http://goo.gl/R5gKca>>. Acesso em: 22 mar 2016.

HOWLETT, RAMESH, PERL. Política pública. Rio de Janeiro. Elsevier 2013.

IDIS. Instituto de Desenvolvimento Social. Disponível em: <<http://www.idis.org.br>>. Acesso em: 22 mar 2016.

KISSLER, Leo; HEIDEMANN G., Francisco. Governança pública: novo modelo regulatório para as relações entre Estado, mercado e

sociedade? Rev. Adm. Pública vol.40 no.3 Rio de Janeiro Maio/Junho 2006.

MENEGASSO, Maria Ester; HEIDEMANN G., Francisco. **Capital social: Região de Rio do Sul**. Florianópolis: UDESC/ESAG, 2006.

MOURA A. B., LEIDES. **Empoderamento comunitário: uma proposta de enfrentamento de vulnerabilidades**. Brasília: Editora Letras Livres, 2008 - 192p.

NEUMANN, L. T. V.; NEUMANN, R. A. **Desenvolvimento comunitário baseado em talentos e recursos locais**. São Paulo: Global, 2004.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Health Promotion Glossary**. 1998. Disponível em: <<http://goo.gl/0kwdDG>>. Acesso em: 21 mai 2014.

RAMOS, Leonardo César Souza. **A sociedade civil em tempos de globalização: uma perspectiva neogramsciana**. Disponível em: <<http://goo.gl/4cZzLj>>. Acesso em: 20 mai 2014.

SALM, J., MENEGASSO, M. **Os modelos de administração pública como estratégias complementares para a coprodução do bem público**. Revista Ciências da Administração, v. 11, n.25, p.97-96, set/dez 2009.

SCHIMIDT, Joao Pedro (Org.); HELFER, Inácio (Org.); BORBA, Ana Paula de Almeida (Org.). **Comunidade e comunitarismo: temas em debate**. Curitiba: Multideia, 2013. 240p.

SCHOMMER, P. C. et. al. **Coprodução e inovação social na esfera pública em debate no campo da gestão social**. IN: SCHOMMER, Paula Chies (Org); BOULLOSA, Rosana de Freitas (Org.). Gestão social como caminho para a redefinição da esfera pública. Florianópolis: UDESC Editora, 2011. 350 p.; il. P&B; (Coleção Enapegs; v.5).

SECCHI, Leonardo. **Políticas públicas: conceitos, categorias de análise, casos práticos.** São Paulo: Cengage, 2010.

TENÓRIO, Fernando Guilherme (Org.). **Cidadania e desenvolvimento local: critérios e análise.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012. 264 p.

TOMBI, W., SALM, J., MENEGASSO, M. **Responsabilidade Social, Voluntariado e Comunidade: Estratégias convergentes para um ambiente de coprodução do bem público.** [S.I.: s.n.],2000